

DOIS PRESIDENTES

4. V. 59

Pouca simpatia nutrimos por Frondizi, embora muita nutramos pela democracia argentina. Conquanto não lhe negue-mos extraordinário mérito pessoal, censuramos-lhe a nefasta demagogia que utilizou para conquistar o poder, apoiando-se no peronismo, que afagou e estimulou depois da derrubada. A revolução argentina não foi revolução pela metade, como têm sido as nossas, mas revolução de verdade, em que nada se poupou para erradicar o peronismo. Mas foi justamente o sr. Arturo Frondizi quem, como candidato à Presidência da República contra um outro candidato do seu mesmo partido, debilitou grandemente e quase comprometeu a vitória revolucionária, indo buscar nos decaídos o apoio eleitoral de que necessitava.

Esta é a razão das nossas reservas à personalidade do Presidente da República Argentina, à qual sobreponemos a do seu contendor derrotado pelos votos peronistas. Por isto mesmo nos sentimos à vontade para elogiar não somente a energia de que no exercício do cargo tem dado provas, mas, sobretudo, a alta dignidade e discrição de que tem dado provas, na visita que ora está fazendo aos Estados Unidos. Inevitável se faz, então, o confronto com o nosso trêfego e esfusiante presidente.

Ouçamos, por exemplo, o que disse o sr. Arturo Frondizi a respeito dos povos sub-desenvolvidos, tema que o sr. Juscelino Kubitschek tem explorado de maneira verdadeiramente escandalosa, para não dizer vergonhosa.

Os povos do nosso hemisfério são membros de uma mesma família, por acreditarem em que é espiritual o destino do homem e por isto pertencem ao Mundo Ocidental, onde vigoram os princípios da liberdade e da dignidade da pessoa humana. Mas, por outro lado, não se pode desconhecer que milhões de seres humanos na América Latina estão mergulhados na miséria e no atraso, criando terreno fértil para a anarquia e a ditadura. Assim, a mais eficaz defesa do Hemisfério deve basear-se na eliminação das causas que criam miséria, injustiça e regressão cultural». Como, porém, eliminá-las? — interroga Frondizi. Eis como um grande jornal norte-americano lhe resume a própria resposta: embora seja indispensável a ajuda econômica dos Estados Unidos, a necessidade primária das Américas é que se devem ajudar a si mesmas, mais do que têm feito, para mudar a estrutura econômica, mobilizar todos os seus recursos e energias, e aproveitar-se do enorme progresso científico e técnico dos nossos dias.

Como se vê, grande distância vai desta posição à do sr. Juscelino Kubitschek, cuja política consiste puramente na exploração do parente rico pelo parente pobre e sem vergonha. O nosso presidente é duvidoso que obtenha um auxílio substan-

cial, pois não logrou conquistar confiança, nem conseguiu, sequer, intimidar com as suas ameaças. O presidente argentino pôs a questão nos seus verdadeiros termos e, se não falou na reforma política, que condiciona todas as outras, foi por simples questão de diplomacia. Disse, porém, o suficiente para significar que os povos americanos devem aprender a governar-se, se desejam ser auxiliados pelos irmãos mais poderosos. Não só por ser pobres têm eles direito a ajuda.

O sr. Juscelino Kubitschek, porém, põe-se acima destes elementares conceitos. Pela sua chamada Operação Pan-Americana pretendeu obter dos Estados Unidos, para as nações americanas e principalmente o Brasil, um auxílio indiscriminado e sem condições. Não é honroso o seu cotejo com o Presidente argentino: enquanto este fala a linguagem da decência e do bom senso, e por isto colherá resultados positivos de sua visita, aquele se desmanda em atos e palavras que nos cobrem de ridículo.

Nada, porém, detém o sr. Juscelino Kubitschek em seu delírio de grandezas. Depois de haver lançado a sua Operação Pan-Americana, ei-lo empenhado agora numa Operação Universal. Paraninfando a turma que concluiu o curso no Instituto Rio Branco, lança-se ele agora à cruzada pela paz do mundo. Este problema, já de si difícil e tremendamente complicado depois do surgimento da Rússia Soviética, tem desafiado os mais altos espíritos e os maiores estadistas. Mas não haja dúvida: o sr. Juscelino Kubitschek, que até agora não logrou resolver um só dos angustiantes problemas em que se debate o País, e, pelo contrário, só os tem agravado, vai ensinar ao mundo como resolver o maior e o mais complexo dos seus problemas. Para se conseguir o desarmamento universal, faltava o homem. Agora o homem falou.

Mas, a Operação Pan-Americana já começou a dar algum resultado? — indagará algum espírito molino. Estará, pelo menos, em efetivo andamento? Ora, nada importa isto. O que vale em casos tais é a fantasia e, na fantasia do sr. Juscelino Kubitschek, a Operação Pan-Americana é uma realidade e nela realidade será também o «fim da estéril corrida armamentista». O delírio só consigo se satisfaz. E' pouco exigente...